



Paulo Franken/AE

Estudantes de Novo Hamburgo: familiaridade com a informática desde o primeiro grau

Computador é rotina em escolas de Novo Hamburgo

Rede pública da cidade gaúcha conta com 65 micros que atendem a 5 mil estudantes

AYRTON CENTENO

POR PORTO ALEGRE — Cinco mil crianças matriculadas no primeiro grau, muitas vindas de famílias pobres da periferia de Novo Hamburgo, a 44 quilômetros de Porto Alegre, estão desfrutando de um privilégio: duas vezes por semana elas têm acesso a um computador, em aulas que variam de 30 a 50 minutos. "Somos um caso único na América Latina", proclama Ernest Sarlet, um belga naturalizado brasileiro, que há sete anos e dois governos (ambos do PMDB) é secretário de Educação da cidade. Em sua administração, Sarlet comprou 65 microcomputadores, distribuídos por 11 escolas.

"Temos de nos preparar para competir com os tigres asiáticos, países que empregam até 34% de seu Produto

Interno Bruto em educação e pesquisa", diz Sarlet. Ele assegura que Novo Hamburgo — 250 mil habitantes, grande produtor de calçados e orçamento de US\$ 38 milhões em 1989 — gasta perto de 50% do que arrecada com educação. "Construímos uma sala de aula por semana", garante.

A informática entrou nos planos de Sarlet em 1984, quando sua secretaria comprou o primeiro micro. De lá para cá, com recursos próprios somados à ajuda do MEC e de indústrias locais, a prefeitura conseguiu juntar mais computadores (65) do que escolas — ao todo são 56, atendendo a 22 mil alunos.

O sistema adotado é o Logo, desenvolvido pelo sul-africano Seymour Papert, mas o secretário adverte que sua proposta não é passar livro didático para disquete. "Isso deu errado nos Estados Unidos e na Europa nos anos 60", explica. Seu método consiste em deixar o micro na mão da criança, que, acompanhada por um professor, aprende a usar os comandos. "A partir

dai ela é livre para criar o que quiser", afirma Sarlet. A relação do aluno com a máquina é sempre estimulante: se o estudante erra ao acionar as teclas, o computador responde na tela — "Não aprendi o que você me ensinou". Para Sarlet, esse fator é decisivo: "A escola brasileira é punitiva. Ninguém corrige um ditado apontando os acertos", exemplifica. Com o computador as coisas ficam mais fáceis", diz Juliana da Silva, 11 anos, que já executa contas com vários algarismos no micro.

Para mostrar a eficiência do método, o secretário exibe números significativos. Em 1983, quando assumiu a secretaria, a aprovação da primeira à quarta série do primeiro grau era de 59%. "Hoje estamos com 85%", orgulha-se Sarlet. Ele faz questão de acentuar que o sucesso não se deve só à informática. Cada escola tem uma biblioteca e os professores em início de carreira ganham Cr\$ 26 mil — "um terço a mais do que na rede estadual".